

O RETORNO DOS DEBATES DO IMPERIALISMO NO CONTEXTO ATUAL: A FALÊNCIA DO *IMPÉRIO* MAIS DE 20 ANOS DEPOIS

Luiz Felipe Osório¹

O livro *Império*, de Hardt e Negri, publicado em 2000, foi festejado nos círculos mais tradicionais e alvo de severas críticas pelos marxistas, principalmente, por partir de expoentes do pensamento de esquerda a tese de que tanto o Estado nacional quanto as rivalidades interestatais e conseqüentemente o imperialismo estariam ultrapassados. Considerando todo o contexto histórico da época, o impacto dessas ideias impactou as mais variadas searas das ciências humanas e sociais. Não demorou, contudo, para que ele fosse rechaçado pela realidade e pelo retorno dos debates do imperialismo, não apenas resgatando, mas também conferindo ao termo a sua devida centralidade. O objetivo deste artigo é estabelecer esse panorama com base na concepção materialista do Estado, fazendo uma revisão bibliográfica dos principais aspectos do livro em debate e de renomados autores que lhe sobrevieram para criticá-lo.

Palavras-chave: Império; Imperialismo; Pós-Fordismo; Globalização; Capitalismo.

THE RETURN OF IMPERIALISM DEBATES IN CURRENT CONTEXT: THE BANKRUPTCY OF EMPIRE MORE THAN 20 YEARS LATER

Abstract: The book *Empire*, by Hardt and Negri, published in 2000, was celebrated in more traditional circles and the target of severe criticism by Marxists, mainly because, from exponents of left-wing thought, the thesis that both the national State and interstate rivalries and consequently imperialism would be outdated. Considering the entire historical context of the time, the impact of these ideas impacted the most varied fields of human and social sciences. It did not take long, however, for it to be rejected by reality and by the return of debates on imperialism, not only rescuing, but also giving the term its due centrality. The objective of this article is to establish this panorama based on the materialist conception of the State, making a bibliographic review of the main aspects of the book under debate and of renowned authors who came to criticize it.

Keywords: Empire; Imperialism; Post-Fordism; Globalization; Capitalism.

¹ Professor de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da UFRRJ. E-mail: luizfelipe.osorio@gmail.com Registro ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6058-7809>

EL REGRESO DE LOS DEBATES DEL IMPERIALISMO EN EL CONTEXTO ACTUAL: LA BANCARROTA DEL IMPERIO MÁS DE 20 AÑOS DESPUÉS

Resumen: El libro *Imperio*, de Hardt y Negri, publicado en 2000, fue celebrado en los círculos más tradicionales y objeto de severas críticas por parte de los marxistas, principalmente porque, desde exponentes del pensamiento de izquierda, la tesis de que tanto el Estado nacional como las rivalidades interestatales y en consecuencia, el imperialismo estaría desfasado. Considerando todo el contexto histórico de la época, el impacto de estas ideas impactó en los más variados campos de las ciencias humanas y sociales. No pasó mucho tiempo, sin embargo, para que fuera rechazado por la realidad y por el regreso de los debates sobre el imperialismo, no solo rescatando, sino también dando al término la debida centralidad. El objetivo de este artículo es establecer este panorama a partir de la concepción materialista del Estado, haciendo una revisión bibliográfica de los principales aspectos del libro en debate y de reconocidos autores que llegaron a criticarlo.

Palabras clave: Imperio; Imperialismo; posfordismo; globalización; Capitalismo.

Introdução

Tão festejado quanto equivocado. As duas características, talvez, sejam as que melhor descrevem o livro *Império*, escrito por Michael Hardt e Antônio Negri e publicado em 2000. A obra chamou a atenção pela repercussão que ganhou. Enquanto foi celebrada pela grande mídia e pelos círculos acadêmicos mais tradicionais, despertou a ira e a crítica, tirando os marxistas do período de entropia que viveu o pensamento de esquerda na década de 1990. A tese central dos autores sepultava o imperialismo quase um século após a emergência do conceito.

O momento da publicação parecia oportuno, pois se chegava a quase uma década da dissolução da União Soviética e do anunciado fim da História², com o apogeu do neoliberalismo. O entusiasmo com a pós-modernidade contagiava os incautos a louvar a harmonia e o multilateralismo no cenário internacional.

Os autores eram intelectuais respeitados. Principalmente, Negri, um renomado filósofo político marxista italiano, estudioso de cânones, como Pachukanis, Althusser e Deleuze, que se envolveu na militância política e na luta armada, tendo ficado anos como preso político e, posteriormente, vivido como exilado. Hardt é um competente ex-aluno.

² Destaque para o também amplamente recepcionado e rapidamente rechaçado *O Fim da História e o Último Homem*, de Francis Fukuyama, publicado no mesmo contexto histórico de entusiasmo com a globalização.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

Todos os elementos soavam como uma sinfonia aos ouvidos dos detratores do marxismo. Em meio à intensa propaganda da inevitabilidade e benesses da globalização financeira, no auge do entusiasmo com a modernização neoliberal, dois autores de esquerda, sendo um deles um expoente do marxismo, enterram um dos seus conceitos mais centrais. Estava bom demais para ser verdade. E logo se desfez a ilusão.

Os próprios acontecimentos internacionais trataram imediatamente de impor a efemeridade à análise. Tão logo o livro ganhava tradução em várias línguas vieram os atentados de 2001 nos Estados Unidos e, em sua esteira, outros eventos que impulsionaram a crítica teórica e jogaram o impactante *Império* para as sombras.

Se o escrito tem um mérito é o de retomar os debates sobre imperialismo, fazendo com que eles chegassem ao jubileu centenário do conceito em plena carga. Dado como esgotado e superado, a concepção de imperialismo ressuscitou como atual e incontornável nas discussões internacionais.

Para entender todo esse movimento, desde a ampla e festejada recepção de *Império* até sua crítica feroz e o ressurgimento do imperialismo na contemporaneidade, a partir da visão do materialismo histórico e dialético, este texto estrutura-se em três capítulos, sendo que o primeiro abordará a contextualização do pós-1991³ na trajetória do capitalismo mundial; o segundo se voltará para a discussão dos principais aspectos da obra em questão; e o terceiro fará um balanço das perspectivas mais atuais sobre imperialismo.

O período pós-fordista

Atrair o imperialismo ao capitalismo é não apenas dar marco e rigor científico ao conceito, mas também compreender as suas inegáveis transformações a partir das mudanças dentro do modo de produção em escala mundial. Em outras palavras, ter em mente a historicidade do capitalismo é central para entender as mudanças no conceito de imperialismo. Essa linha do tempo do imperialismo vai desde o momento pioneiro da internacionalização das relações de produção, no quartel derradeiro do século XIX, que traz caudatária a primeira grande crise estrutural e a Primeira Guerra Mundial, passando pelo interregno de reconfiguração mundial após a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, até chegar à crise do fordismo e a consequente dissolução da União Soviética. É para esse exato período

³ O marco aqui é o fim da Guerra Fria, com a dissolução da União Soviética em dezembro de 1991.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

20 anos depois

de vitória da democracia liberal e da globalização econômica que os holofotes precisam ser direcionados.

No atual estágio, a internacionalização das relações de produção ganham outros patamares, uma vez que a produção deixa de residir sobre a base nacional-estatal e passa a disseminar-se pelo mundo, em uma organização difusa e desconcentrada. Do fordismo transita-se para o toyotismo, no sentido de racionalizar ainda mais a organização do trabalho. O Estado altera as diretrizes na intervenção em prol de políticas públicas e direitos sociais, reconfigurando-se ainda mais aberto aos sabores e aos dissabores do mercado internacional. Se no ínterim anterior, o regime de acumulação era interno ou nacional e seu correspondente modo de regulação era estatal-intervencionista, de bem-estar social ou keynesiano, o que caracterizava o capitalismo fordista, pode-se cunhar a interregno pós-1991 de capitalismo pós-fordista⁴.

A nova organização social que emergia, rompendo com os parâmetros fordistas, pode ser cunhada como pós-fordista, por constituir um momento de reação, de desfazimento da correlação de outrora. O capitalismo é essencialmente, portanto, desde sempre, globalizado, no sentido de pressionar pela internacionalização da produção. O que diferencia o padrão pós-fordista de desenvolvimento são as condições estruturais dadas, de um regime de acumulação interno, nacional, passa-se a um exterior ou internacional; e de um modo de regulação estatal-intervencionista, keynesiano, nacional, caminha-se para um neoliberal ou transnacional.

Nesse sentido, a década de 1990 assinalou o apogeu da estratégia neoliberal, mas também o combate ferrenho das teorias do Estado com a emergência de concepções teóricas na direção adversa, de enfraquecimento e de demonização do aparato estatal e da política. Junto com o mito de aldeia global veio o credo no fim das fronteiras e das rivalidades interestatais, intimamente conectados com o conceito de imperialismo. Logo, o decênio foi

⁴ Ressalta-se que o termo pós-fordismo é e pode ser utilizado por correntes não marxistas também. O que fundamenta o uso do conceito nesta pesquisa é o sentido dado pela vertente marxista da teoria francesa da regulação econômica. Seguindo a lógica dos ciclos anteriores (pioneiro e fordista), o pós-fordista embasa-se na concepção de modo de organização do capitalismo que rompe com a anterior, em reação, oferecendo novos patamares a partir do rompimento dos pretéritos. Com maior frequência é cunhado como contemporâneo, por ser o do momento atual. Se considerarmos a concepção histórica da filosofia das ideias, a contemporaneidade é inaugurada com as revoluções burguesas no final do século XVIII. Logo, todo o período desde então será contemporâneo. Logo, não cabe a adesão dessa nomenclatura. Para mais ver: Bonfeld e Holloway (1991).

OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de*

20 anos depois

um marco de refluxo⁵ e inflexão dentro do pensamento crítico das esquerdas, notadamente quanto ao marxismo. De conceito crítico passou a criticado, de virtuoso a desvirtuado. De tema reluzente foi relegado às sombras, tido como ultrapassado e esgotado.

Sim, as brumas da prosperidade neoliberal não tardaram para dissipar-se. Na aurora dos anos 2000, o que já vinha se manifestando nos escombros da periferia e nos porões do capitalismo, oportunamente relegado pelos grandes centros, a enorme insatisfação com as ilusões da globalização explodiu. Assim, veio o retorno triunfal do imperialismo. Despertados pelos rumos do sistema internacional e pela necessidade de repensar as alternativas, os autores internacionalistas resgataram o debate do imperialismo, colocando-o novamente em sua merecida centralidade.

A riqueza de interpretações não seria possível se não fosse acompanhada por um panorama instigador. Nesse aspecto, o contexto de crise e incertezas foi fundamental para a reflexão do Estado e da política dentro do capitalismo. O que se sucedeu ao formato fordista foi uma era de transição que marcou a erosão de suas bases, ocasionando mais uma mudança significativa na face do capitalismo (HIRSCH, 2010). Na periferia manteve-se a industrialização seletiva e a exploração dos recursos naturais e da mão de obra, chegando os efeitos da crise tardiamente. No epicentro do capitalismo, o horizonte era de névoas. As estruturas de acumulação e de hegemonia que sustentavam o fordismo sofreram fortes abalos em decorrência de sua própria dinâmica. A lógica socioeconômica que limitava a valorização do valor entrou em colapso, impactando as relações sociais. Simultaneamente, as guerras e o rompimento do equilíbrio automático dos Acordos de Bretton Woods impuseram incertezas aos rumos do sistema mundial, afetando o capitalismo central. A debacle não pode ser vista sob o prisma de uma relação causal simples. Há que se resgatar o panorama das complexas dinâmicas econômicas, sociais e políticas que permearam a estrutura desse regime de acumulação e de seu modo de regulação. Uma série de processos relativamente independentes entre si que se condensam em uma crise de toda a formação⁶.

⁵ Cabe aqui ressaltar as honrosas e relevantes exceções que marcaram a contestação da época à globalização, como o zapatismo, no México, em 1994, a grande manifestação de Seattle, em 1999, nos Estados Unidos, e o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2001, no Brasil.

⁶ Cf. Mascaro, 2013.

OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de 20 anos depois*

Em termos de acumulação, verificou-se um retrocesso estrutural na rentabilidade do capital nas metrópoles capitalistas⁷. Consequência da forte diminuição da taxa de lucro, explicada pelo impacto das leis gerais do capital, aplicada a estruturas políticas e econômicas do arranjo fordista. Com dividendos cada vez menores ao capital e com o poder de barganha da força de trabalho elevado, o conflito distributivo acirrou-se. A diminuição paulatina da produtividade elevou a dificuldade em financiar a redistribuição social estatal e as políticas subvencionistas sem os incrementos do produto interno bruto. Com taxas menores de crescimento e endividamento estatal rampante veio a estagflação (combinação de inflação e estagnação que marcou a crítica ao fordismo). Os elevados gastos sociais e as dívidas públicas, mediante a intervenção estatal constante na economia, foram identificados como empecilhos à modernidade. “Quebrou-se a estreita relação entre consumo de massa, estado de bem-estar social e acumulação que havia caracterizado a era dourada do fordismo”. (HIRSCH, 2010, p. 151). A organização social fordista guardava contradições específicas. Ao primeiro sinal de crise, as forças adversárias impulsionaram sua superação.

Aproveitando as brechas da política reformista socialdemocrata, os governos neoliberais ascenderam acoplados e fomentadores da intensificação da internacionalização dos capitais e das relações de produção, para além do regime de acumulação de base nacional-estatal de outrora. Assim, advieram a revolução tecnológica na produção (microeletrônica, comunicações, transportes, genética e biologia) e as novas formas de organização do trabalho (tendências à informalidade e à precarização), abrindo a fronteira de possibilidades de valorização do valor. Com isso, o eixo de acumulação foi paulatinamente sendo transferido da esfera nacional para a internacional, mediante a pulverização das etapas e relações de produção pelo mundo, seguindo a propalada racionalidade toyotista (racionalização do uso da força de trabalho, o crescimento da automação e da desconcentração industrial).

O deslocamento apoiou-se no câmbio do modo de regulação, que carreou o desfazimento do amálgama político-ideológico que havia mantido a coesão da sociedade fordista. O Estado de segurança (*Sicherheitsstaat*), caracterizado pela burocratização, regulamentação, controle e normatização, foi substituído pelo Estado concorrencial

⁷ Cf. Hirsch, 1995.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de 20 anos depois

(*Wettbewerbsstaat*), fomentador da competição e do livre mercado (HIRSCH, 2010). O modelo de bem-estar social (*welfare*) passou à desregulamentação, gerando o estado de guerra econômica do livre mercado (*warfare*).

É nodal salientar que não houve, contudo, alheamento do Estado em relação à economia, como pregam os entusiastas do neoliberalismo, mas seu redirecionamento para outras prioridades e áreas de atuação. Neoliberalismo não é a política do capital contra o Estado, como é frequentemente posto de maneira vulgar, mas a política dos capitais passando pelo Estado. “O neoliberalismo não é a abolição da forma política estatal, mas, antes, sua exponenciação” (MASCARO, 2013, p. 124).

A flexibilização das regras alterou a relação entre as empresas e os Estados nacionais, a qual se reconfigura em moldes distintos, mas não necessariamente menos protetivos aos capitais. A mitigação da intervenção nacional-estatal nas relações de produção deixou as políticas públicas sociais e econômicas mais vulneráveis às oscilações internacionais. A postura dos governos se tornou muito mais defensiva aos efeitos do neoliberalismo do que propositiva, cabendo aos contrários apenas resistir e sem a capacidade de realizar substanciais transformações.

O capital estadunidense, graças a sua alta produtividade com enorme capacidade competitiva, estava sumamente interessado na liberalização do comércio mundial e na abertura de novas regiões para inversões. Assim, as frações financeiras pressionavam por mudanças. Era preciso pôr termo à acumulação voltada para o mercado interno, estabelecendo bases internacionalizadas da produção. Em meio à crise, houve uma forte ofensiva dos Estados Unidos pela retomada da hegemonia estadunidense via imposição do poderio financeiro⁸. Emergia o arranjo político que amalgama o setor financeiro ao lado do complexo militar-industrial no comando estadunidense. Esse movimento foi acompanhado por um discurso de fomento às inovações financeiras e à desregulamentação, que

⁸ Havia uma forte concorrência internacional dos aliados desenvolvidos a convite, Alemanha e Japão; déficits comerciais na balança comercial e de pagamentos estadunidense, atrelado ao alto endividamento internacional e os consequentes questionamentos ao dólar enquanto única moeda internacional conversível em ouro; abalo no poder incontrastável estadunidense com a Guerra do Vietnã e derrotas em outros conflitos; sistema financeiro internacional com excesso de liquidez pelos eurodólares e petrodólares; e a regulação excessiva. Com a ascensão ao poder dos republicanos, capitaneados por uma coalizão conservadora e neoliberal, apoiada pelos setores financeiros e beligerantes, empreendeu-se uma estratégia de imposição do poderio estadunidense via fomento à globalização financeira e enquadramento dos concorrentes comerciais e adversários político-ideológicos. Para mais ver: Tavares (1985).

OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de*

predominaram na década de 1980. Os Estados Unidos, em seu direcionamento rumo à restauração liberal-conservadora, retomam progressivamente o controle, surgindo um novo sistema financeiro internacional (padrão dólar-flexível⁹).

Durante esse decênio, os Estados Unidos preparam o terreno da transição que se concretiza no alvorecer do último decênio do século XX. Com a derrocada da União Soviética¹⁰, o fenômeno globalizante recebeu o impulso necessário e decisivo. Nesse panorama, a solução apresentada e vendida mundialmente para o esgarçamento da coesão socioeconômica, salvo as alternativas não capitalistas, consistiu na reorganização estrutural das condições de valorização do capital, que deveria implicar a imposição de uma nova formação da sociedade capitalista.

Os Estados Unidos incorporam, ainda que em uma relação não isenta de conflitos com outros centros capitalistas e de maneira basicamente precária, um monopólio da força que atravessa os Estados singulares, e é necessária para a reprodução dos capitais internacionais. Dispõem de meios de violência necessários para assegurar o padrão de desenvolvimento capitalista atual e representar o interesse das burguesias dominantes nos Estados, mesmo naqueles subordinados¹¹. Por essa dinâmica, as organizações internacionais constituíram-se em importantes pontos de apoio do capital internacional, sendo capazes de formular políticas e de impor a vontade dos Estados dominantes pela via do direito. Por conseguinte, somente por esse panorama, já se percebe que o exponencial aumento do direito internacional e desses organismos via reforma, redirecionamento ou criação a partir da década de 1990 não é um fenômeno aleatório, mas está inserido no modo de regulação pós-fordista¹².

Com hierarquizações e divisões distintas, as relações de poder passam a ocorrer em um ambiente instável e ainda mais violento na semiperiferia e periferia, na medida em que é o núcleo metropolitano que delibera acerca do uso da força no cenário internacional, o qual é direcionado para as áreas marginais. Isso porque a frágil interação do centro metropolitano é baseada na cooperação e no conflito, vinculada à permanente

⁹ Cf. Serrano, 2002.

¹⁰ Para Hirsch (2010) e Kurz (2008), a dissolução da União Soviética também uma expressão é uma consequência da crise do fordismo.

¹¹ Cf. Hirsch, 2010.

¹² Para mais ver Osório (2018).

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

concorrência por controle de mercados, áreas de investimento e fontes de matérias-primas, bem como a manutenção da ordem mundial.

Assim, os conflitos interimperialistas de eras passadas já não se deflagraram, como desde o pós-Segunda Guerra, tendo em vista a concentração da violência militar em uma superpotência. Contra ela e sem nela mais nenhuma guerra convencional é travada. Mesmo porque os conflitos militares são sempre usados e causados pelos Estados Unidos para consolidar o seu domínio de base militar ante as potências concorrentes. O uso da violência é, a partir de então, via incursão policial das grandes potências (como nos casos autorizados pelo Conselho de Segurança ou mesmo aqueles à sua revelia) ou por ações terroristas (do ponto de vista metropolitano) difusas, esparsas e locais, que, em alguns lugares, meio à ultrajante miséria e desespero, forçadamente canalizaram as demandas dos movimentos de libertação nacional, que perderam fôlego com as descolonizações formais e a realidade estrutural do neoliberalismo.

O novo cenário impactou definitivamente nas análises teóricas, seja para turvar, seja para clarear as visões.

I. *Império*, de Hardt e Negri

O alvorecer do século XXI, em meio a um contexto específico, marca um momento de inflexão nas teorizações marxistas. Se no turbilhão da euforia globalizante, no decênio noventista, o pensamento enraizado em Marx foi marginalizado a ponto de ser considerado obsoleto; não demorou, para que ele fosse devidamente resgatado (década seguinte). E nos círculos marxistas, principalmente, advém a obra que, sobremaneira, contribui para chacoalhar a entropia e reavivar a crítica ao capitalismo, ainda que pelo caminho inverso, pela imensidão de contestações recebidas. Em 2000, é publicado nos Estados Unidos, por Michael Hardt e Antonio Negri¹³ o livro *Império*. Nesse diapasão, uma visão politicista extremada, responsável pela conjunção de adeptos dentro e fora do marxismo¹⁴. Também chamada de globalista, oferece um parâmetro que inevitavelmente irá permear, ainda que para seu total descrédito, as análises sobre imperialismo.

¹³ Quanto ao autor é imperioso chamar a atenção para sua guinada teórica a partir dos anos 1990 quanto à teoria do Estado. Militante político e intelectual de enorme envergadura, Negri pode ser considerado, inclusive, um dos expoentes teóricos e políticos na Itália. Para mais ver Miguez (2010).

¹⁴ Outros expoentes dessa vertente seriam, por exemplo, Martin Shaw e William Robinson.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

Muito menos pelo brilhantismo intelectual e pela sofisticação teórica e mais pelo impacto causado, chegou a ser comparado ao Manifesto Comunista do século XXI¹⁵, e tornou-se um trabalho incontornável para o bem ou para o mal nos debates marxistas. Isso porque a discussão gerada permitiu que as clivagens teóricas e políticas pudessem ser sistematizadas com maior nitidez.

A entusiástica celebração e a afável recepção que o livro recebeu nos círculos dominantes dos grandes veículos difusores das ideias políticas condizem com a inofensividade ante as mudanças de perspectiva no mundo. Ao contrário de obras que foram intencionalmente ignoradas ou silenciadas, essa publicação mereceu louvas. Sua aproximação com o ultraimperialismo de Kautsky é indisfarçável, malgrado a contrastante sofisticação do baluarte pioneiro¹⁶. Com efeito, o livro é pautado no silogismo construído pela dupla: com a superação do Estado-nação, perde o sentido o sistema de Estados, logo, chega ao fim o imperialismo. Os autores, na euforia da nova ordem mundial, que também contaminou ramos da esquerda política e teórica, alegam que a enorme interdependência econômica traz ao lume uma nova lógica global de domínio, o Império, uma estrutura desterritorializada, etérea e descentralizada, paradoxalmente, pinçada ao mundo pela dinâmica incessante de sua própria negação, a multidão. Nessa toada, o surgimento do Império assinala, assim, ao mesmo tempo, o fim do imperialismo e o abandono da luta política, em nome do poder dos capitais transnacionais.

Para os autores, o império materializou-se diante dos olhos, após as transformações internacionais da década de 1990. A redação da obra esteve situada entre a Guerra do Golfo, 1991, e o fim da Guerra do Kosovo, em 1999¹⁷. Regimes coloniais e o bloco soviético, tidos como entraves, caíam pelo movimento irreversível de trocas econômicas e culturais, expandindo o mercado global. As fronteiras nacionais diluíram-se e a revolução tecnológica aproximava os povos, na homogeneização global pela via mercadológica. Nesse universo uniformizado, a lógica e a estrutura de comando incutiram-se em uma nova manifestação

¹⁵ Cf. Zizek, 2001.

¹⁶ Negri dedicou um ensaio em maio de 2002, na Revista Cuardenos del Sur, intitulado *El Imperio, etapa superior del imperialismo*, como forma de relacionar suas ideias aos pensadores pioneiros.

¹⁷ Mesmo após a redação de *Império* ter ocorrido em um interregno de aparente estabilidade, os dois autores mantiveram a insistência na defesa de suas concepções esposadas com mais duas obras posteriores, traduzidas para o português como e nos respectivos anos, *Multidão* (2005) e *Bem-Estar Comum* (2016), as quais completam a trilogia pós-moderna dos autores.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

de supremacia política. “O império é a substância política que, de fato, regula essas permutas globais, o poder supremo que governa o mundo”. (HARDT e NEGRI, 2001, p. 11). Com a mudança no padrão das relações econômicas, os Estados nacionais perdem força ante a dinâmica dos capitais. As fronteiras e os monopólios legais tornam-se obsoletos em um ambiente cada vez mais integrado pela circulação (e imposição) dos capitais internacionalizados. Assim, em meio à globalização da produção, a economia ressurgiu independente do controle político estatal. Destarte, a soberania estatal é retratada como em declínio, cabendo a transferência das prerrogativas estatais para organizações internacionais e congêneres. A era do Império seria algo completamente diverso do período do imperialismo. Com isso, alcança-se uma uniformização das regras e da lógica de regulação, que não fique à mercê das idiosincrasias locais. O todo amorfo, mas homogêneo, que se erige do novo panorama é o que cunha Império.

Nossa hipótese básica é que a soberania tomou nova forma, composta por uma série de organismos nacionais e supranacionais, unidos por uma lógica ou regra única. Esta nova forma global de economia é o que chamamos de Império. (HARDT e NEGRI, 2001, p. 12).

Em outras palavras, o crepúsculo da noção de soberania enseja a transição ao *Império*. O imperialismo era o reflexo da extensão da soberania dos Estados europeus pelo mundo. Com o fim dos Estados, dissolve-se o imperialismo. Nesse novel cenário, não há um centro territorial de poder, nem fronteiras ou barreiras fixas. É um conjunto descentralizado e desterritorializado que incorpora uma variedade de unidades e administra as entidades híbridas, as hierarquias flexíveis e as permutas plurais por meio de estrutura regulatória própria, sem bandeira ou identificação específica. “As distintas cores nacionais do mapa imperialista do mundo se uniram e se mesclaram, num arco-íris imperial global” (HARDT e NEGRI, p. 13). Esse comando não é oriundo de um Estado determinado, como os Estados Unidos, e nenhum outro Estado-nação poderia se colocar nessa condição, visto que o imperialismo acabou, logo, não há que se falar em Estado mundial nesse projeto, mas em uma organização cosmopolita, uma rede transnacional de poder, acima de todas as nações. Dos traços desse conglomerado político, destacam-se: a) não há confinamento por fronteiras territoriais, logo, é amorfo; b) sua constituição é atemporal e a-histórica, congelando, por tempo indeterminado, quiçá eternamente, o estado da arte; c) a vida

OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de*

20 anos depois

social nesse universo é regida por uma lógica única e própria; d) não obstante sua construção conflituosa, em algum momento, é atingido o objetivo final, a paz perpétua e universal, fora das condicionantes da história; e) a força que contesta, propõe alternativas e é alvo das relações de exploração no terreno imperial é a multidão (classe trabalhadora, enquanto o Império seria análogo às classes burguesas); f) é o mercado mundial, na metamorfose em busca de saídas à crise estrutural da década de 1970 e ao internacionalismo proletário, que se mimetiza na globalização, na qual os grandes capitais se sobrepõem e refazem a ordem etérea.

Em que pese à semelhança aparente com a noção de ultraimperialismo de Kautsky, a concepção de imperialismo esposada dialoga, no entanto, com mais ênfase ao pensamento de Luxemburgo (apesar da dupla ainda evocar questionavelmente premissas de outros autores seminais). O capitalismo enfrenta um problema crônico de realização de mais-valor intrínseco ao próprio sistema. Assim, necessita do exterior (não capitalista) para se desenvolver. Quando houver a internalização das áreas virgens ao capitalismo, o imperialismo transforma-se em Império. O apogeu desse processo é a globalização da produção no pós-Guerra Fria, quando as trocas capitalistas esticam seus tentáculos pelos quatro cantos do mundo. O exemplo maior dessa alteração é que no mercado internacional já não cabe mais a carcomida divisão socioeconômica entre Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos.

Inevitavelmente, tratam da posição dos Estados Unidos nessa dinâmica, sendo apertados tanto pelos críticos quanto pelos entusiastas do imperialismo estadunidense. Com efeito, escapam da polêmica por uma via nada esclarecedora. Apela para o fato de que no império não seria possível uma potência nacional emergir, mas não relegam o papel privilegiado do país norte-americano. Essa condição decorreria das divergências e não das convergências com os países europeus (imperialistas).

Da modernidade atingiu-se a pós-modernidade, do imperialismo transmutou-se ao império. Esse evolucionismo vulgar foi sustentado pela hipostasiação de poder, em um cosmopolitismo comandado pelos grandes trustes financeiros internacionais, em um arroubo muito mais próximo das teses pós-modernas do que das premissas marxistas, não pode passar imune a críticas.

OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de 20 anos depois*

II. O rechaço ao *Império* e os debates atuais do imperialismo

Despertada a crítica marxista do período de entropia, o conceito de imperialismo necessariamente voltou aos escritos e palavras dos estudiosos, ocupando posição central. Da ampla gama que se pode ter registro¹⁸, uma das reações imediatas a *Império* que mais foi difundida (até por estar em língua inglesa) e se tornou emblemática foi a publicação organizada pelo periódico *New Left Review* e transformada em livro pela editora Verso, já em 2003, chamada *Debating Empire*. Ela congregou uma importante lista de autores de várias partes do globo, dentre os quais se destacam quatro¹⁹ perspectivas, (incluindo aqui a de David Harvey, que ficou de fora da publicação, mas também se notabilizou pela reação imediata), as quais irão continuar pesquisando e desenvolvendo o tema.

Em primeiro lugar, vale ressaltar a contribuição de Leo Panitch e Sam Gindin que a partir do artigo *Gems and Baubles in Empire* direcionaram críticas diretas à obra. Os dois rechaçam a emergência de um poder mundial supranacional, único, que substituiria os Estados-nação em sua pluralidade e rivalidades consequentes, inaugurando uma nova era de valores comuns pós-coloniais e pós-imperialistas. Em outras palavras, Panitch e Gindin ainda defendem a centralidade do Estado, como âmbito do desenvolvimento e embate da luta de classes. E chamam a atenção para o poderio de um Estado específico. Há, sim, um poder imperial, que maneja o direcionamento dos capitais e da força militar, que é constituído na história do capitalismo e que é alicerçado em um território nacional específico, claramente verificável no estadunidense desde a Segunda Guerra Mundial. É a hipostasiação de poder em um único Estado e não em um todo amorfo pós-nacional.

Por meio do periódico vanguardista *Socialist Register*, a dupla escreveu seus dois principais artigos. Desde a primeira tentativa de mapear teoricamente o cenário internacional, cujos esboços foram traçados no início de 2001, e que ganhou impulso especial após os atentados de setembro aos Estados Unidos e a Guerra do Iraque, em 2003, com o trabalho *Capitalismo Global e Império Norte-Americano*, publicado em 2004, é possível apontar toda a preocupação rumo à construção de um ferramental conceitual que retornasse com o imperialismo para o eixo central do marxismo. A continuação do esforço de teorização

¹⁸ Cabe o destaque a trabalhos individuais de crítica, como os de Borón (2002) e de Rush (2006).

¹⁹ Quantitativamente são 5 autores, mas considerando que Leo Panitch e Sam Gindin escreveram suas reflexões em conjunto, tomamos a dupla como uma unidade, perfazendo como quatro expoentes teóricos, junto com Ellen Wood, David Harvey e Alex Callinicos.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

manteve-se, dado o sucesso do passo inaugural, pela via da reflexão *As Finanças e o Império estadunidense*, da edição de 2005. Com fulcro nesses escritos, é cabível desenhar as linhas-mestras desse pensamento.

Eles afastam-se da visão do império amorfo e não estatal de Hardt e Negri, rechaçam veementemente os aspectos positivos do imperialismo, propagados pelos realistas e conservadores²⁰, e a ênfase às rivalidades interestatais²¹. A proposta da dupla de autores é transcender às antigas limitações da teoria marxista, alicerçada no economicismo (exportação de capitais) para uma apreciação plena dos fatores históricos que catapultaram a constituição de um império informal estadunidense singular na trajetória das nações. Não se trata de vangloriar uma instituição supranacional ou mesmo a superação do Estado-nação. O ente estatal é fundamental na concepção deles, ao ponto de criticarem diretamente os autores pioneiros pela ausência de uma substancial teoria do Estado. Assim, ressaltam a relevância do ente estatal, denunciam a real essência (deletéria) do imperialismo e compreendem a chegada ao momento de integração financeira do mundo capitaneada pela política do poder hegemônico estadunidense. O foco central que dedicam às classes sociais permite compreender que os Estados não são descartáveis na análise, ao contrário, é deles que os capitais dependem para sua expansão, como um vetor privilegiado, sobretudo no tocante aos Estados Unidos, como gestor da dinâmica capitalista global.

Em segundo lugar, também em 2003, Ellen Wood tornou-se uma das referências incontornáveis sobre imperialismo. Sua contribuição na coletânea supramencionada foi *A Manifesto for Global Capitalism*, a qual foi publicada no mesmo ano que sua obra dedicada ao assunto *O Império do Capital*, que foi escrita antes mesmo do início da Guerra do Iraque. Assim, como Panitch e Gindin, Wood não poupa críticas ao império transnacional de Hardt e Negri. Afirma que eles exageram na hipostasiação do poder. Ao proporem o estudo do poder político no capitalismo global, perdem a medida, uma vez que sua discussão depende

²⁰ Nessa linhagem encontram-se autores como Niall Ferguson, Frank Bacevich e Michael Ignatieff.

²¹ Panitch e Gindin entendem que essa vertente, representada notadamente por Callinicos (2009) e Harvey (2005) nada mais é que uma extensão e atualização das ideias pioneiras do imperialismo. Por isso, os autores esforçam-se, em grande medida, para aclarar as lacunas dos pioneiros do imperialismo, não lhes poupando críticas que reluzem em sua superação.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

da dissolução do poder, ou seja, geram um efeito reverso ao pretendido inicialmente (WOOD, 2003a).

Rigorosa na historicidade do capitalismo, dado que capitaneou ao lado de Robert Brenner²², o debate da transição, anela o imperialismo ao modo de produção predominante no mundo hoje. A diferença do capitalismo para os modos pretéritos envolvia a apropriação do mais valor que não se daria mais de forma direta extraeconômica, mas indiretamente pelo revestimento do Estado (separação formal entre política e economia). Essa clivagem garante ao modo de produção vigente sua particularidade louvável, difícil de ser decifrada. A relação de classe entre capital e trabalho fica eclipsada, uma vez que não se consegue visualizar nitidamente a transferência de trabalho excedente. Nesse sentido, o poder coercitivo é aparentemente neutro, uma vez que a aplicação da força direta na luta de classes estaria travestida por interesses gerais e coletivos.

Em analogia com a esfera interna da produção, Wood aplica a lógica capitalista ao plano global. A incorporação gradativa das partes do mundo ao capitalismo submeteu os países à dependência do mercado, traduzida pelas condições impostas pelo capital internacional e pelas organizações internacionais. A reação das nações a esse panorama confere a medida da hierarquização. Nesse universo, os Estados Unidos construíram sua posição de cúpula em meio a uma trajetória que os marcou como o primeiro e, até agora, único império genuinamente capitalista. Seu domínio é dado não pela colonização direta, como o fizera o Império Britânico, por exemplo, mas ocorre via manipulação dos mecanismos econômicos do capitalismo. A coerção econômica, que caracteriza o imperialismo como um fenômeno capitalista, diferencia-se da coerção extraeconômica, predominante em outros modos de produção.

Nesse sentido, o exercício da hegemonia é feito pela instrumentalização dos imperativos econômicos, o que por si só não se sustenta, requerendo a presença determinante da política via o estabelecimento de um ordenamento. O império do capital reside, portanto, em uma contradição fundamental do edifício capitalista. A era do imperialismo atual não impõe a necessidade da dominação colonial, mas o capital global, mais do que nunca,

²² Brenner também dedicou reflexões ao tema do imperialismo, como no artigo *What is, and what is not imperialism*, de 2006, no qual apresenta uma confrontação direta ao pensamento de David Harvey.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

demanda uma ordem política, social e legalmente dada, regulada e previsível para que possa se proliferar. Dessa maneira, não cabe a um Estado único o controle geral, sendo a multiplicidade estatal nodal para a configuração e perpetuação das relações capitalistas. Isso significa dizer de antemão que o Estado-nação desempenha papel crucial na interpretação de Wood. O novo capitalismo global depende mais do que nunca do aparato estatal, uma vez que convive e se reproduz em um sistema de múltiplos e formalmente soberanos Estados. Uma unidade política superior a todas e concentradora do poder político (como propõem os globalistas Hardt e Negri) minaria as necessárias funções administrativas e coercitivas estatais no tocante aos capitais.

Desse modo, Wood assume a existência de um imperialismo próprio do capitalismo, tendo a força extraeconômica um papel determinante e central nessa dinâmica, ou seja, confere ao elemento político, não econômico, a essencialidade do imperialismo. Apesar de não oferecer uma definição taxativa de imperialismo, o faz difusamente relacionando-o com as mudanças do capitalismo, sem desconsiderar o caráter de imposição econômica e da apropriação do excedente pelas nações imperiais sobre as subordinadas. Identifica o poder estadunidense como incontestável, o que relega as rivalidades interestatais de outrora a um plano ultrapassado. Diferencia-se dos outros autores aqui mencionados por ressaltar a coerção econômica própria do capitalismo, enfatizando sua historicidade e a peculiaridade (clivagem entre poder econômico e político). O exercício da hegemonia ocorre pela via da manipulação dos mecanismos econômicos (garantidos, em última instância, pelos fatores extraeconômicos).

Em terceiro lugar, alicerçando a busca pelo poder no equilíbrio da relação dialética entre uma lógica dual, territorial e capitalista, está o britânico David Harvey, o qual travara notáveis debates públicos com Wood sobre os rumos do imperialismo²³. Assim como seus contemporâneos, o geógrafo traça a seu modo a linha divisória entre política e economia para analisar as transformações no cenário internacional oriundas da globalização, interregno no qual constata mudanças substanciais. Vivenciando os protestos populares contra a empreitada militar que se avizinhava ao Iraque, seu trabalho de maior envergadura no assunto tem a conclusão marcada logo após a eclosão do conflito, em

²³ Muito dessa discussão direta está contida em artigos, cuja maioria pode ser encontrada no periódico *Historical Materialism*, de importante papel no desenvolvimento do pensamento marxista.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

20 anos depois

2003, *O Novo Imperialismo*. O título não é aleatório e não deixa de mencionar a inflexão do início do século XXI, ainda fresca na memória da reação marxista ao *Império*, de Hardt e Negri.

Harvey trafega pelo que denomina do exame do capitalismo global pelas lentes da longa duração²⁴ e do materialismo histórico-geográfico. Influenciado assumidamente por Arendt e Arrighi, ao defender que o capitalismo visa à busca incessante por poder, sendo esse movimento a síntese entre as lógicas territorial e econômica, o geógrafo adapta esses pilares ao resgate do pensamento pioneiro de Luxemburgo (sobrevivência do capitalismo depende de sua convivência com formações sociais não capitalistas), elaborando sua teoria da ordenação espaço-temporal para explicar o imperialismo capitalista. Dado o excedente de capital subutilizado, para evitar sua desvalorização (crise), há que se descobrirem maneiras de absorver os excedentes de capital. Tanto a expansão geográfica quanto a reorganização espacial viabilizam soluções. Em outras palavras, a sobreacumulação de capitais (e a consequente subutilização) força-os à utilização crescente de formas não capitalistas de expropriação, despossessão, para além da extração do mais valor do trabalho, como confisco, espoliação ou privatização²⁵.

Para ele, a crise da década de 1970 bloqueou o desenvolvimento capitalista que se encontrava nos limites do esgotamento dos velhos mecanismos e foi impulsionado a buscar novas formas de valorização do valor em um processo que não ficou imune à violência e guerras²⁶. Em meio à nova abertura de horizontes, a qual ocorreu por variadas maneiras dentro do movimento de globalização, Harvey faz a analogia do íterim presente com a acumulação primitiva dos primórdios capitalistas, conceituando como a acumulação por despossessão. O novo imperialismo ocorre nos moldes do que seria o velho imperialismo, mas adaptado às novas condicionantes. Logo, ele constitui uma variedade atual do imperialismo capitalista, definido como a interseção contraditória entre a lógica econômica e a territorial. Se por um lado, há um espectro político no imperialismo que conduz os

²⁴ O termo longa duração é uma tradução do conceito de *longue durée* da concepção de história exarada por Fernand Braudel e aproveitada para a interpretação das relações internacionais pelos teóricos do sistema-mundo, já tratados nessa pesquisa, notadamente por Arrighi, que declaradamente inspira Harvey em muitos aspectos, sobretudo na lógica dual de poder.

²⁵ Para Smith (2021), essa concepção nega a própria relação capital-trabalho, no qual o imperialismo a partir de uma visão marxista estaria imerso.

²⁶ Para mais ver Scotelaro *et al.*, 2018.

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

Estados em busca de territórios e de recursos naturais e humanos para fins não econômicos; por outro, há também outro vetor, político-econômico, de forma independente, mas entrelaçada, que tange os processos de acumulação de capital no tempo e no espaço, configurando o imperialismo um fenômeno dos capitais²⁷.

O imperialismo capitalista surge de uma relação dialética entre as lógicas territorial e capitalista de poder. Essas duas lógicas se distinguem por inteiro, não podendo de modo algum reduzir-se uma à outra, mas se acham estreitamente vinculadas (HARVEY, 2005). Frequentemente há sérias divergências entre as duas esferas, materializando motivos e interesses antagônicos. As dinâmicas do território e a do capital são atravessadas e diferenciadas por questões históricas e geográficas determinantes. Mesmo em um panorama de dominância incontestada estadunidense, as rivalidades e a concorrência não são eliminadas, não podendo ser colocadas em segundo plano.

Em quarto lugar, por fim, inscreve-se Alex Callinicos²⁸, responsável por um dos estudos mais completos sobre imperialismo na contemporaneidade, nomeadamente, *Imperialism and Global Political Economy*, publicado em 2009, ainda sem tradução para o português. O intelectual britânico (nascido no Zimbábue) mostra que os debates imperialistas sobreviveram à Guerra Fria, sendo pujantemente reacendidos no cenário hodierno. Diferentemente de Panitch e Gindin, Wood e Harvey, ele escreve seu principal livro sobre o assunto já no final da década de 2000, quando se encontra recém-terminado o segundo governo Bush. Naquele momento já se via com maior nitidez a insensatez da guerra ao terror, como um todo. No meio acadêmico, os debates sobre a nova face do imperialismo haviam se instaurado com frequência, induzindo boas reflexões.

Seguindo os rumos da literatura especializada, articula seu raciocínio em torno da dualidade entre império e imperialismo. Destarte, não hesita em afirmar que o imperialismo contemporâneo é o imperialismo capitalista, clarificando o recorte histórico. Alicerçando-se no geógrafo britânico, Callinicos também entende que o imperialismo capitalista é constituído pela interseção de duas formas de competição, a econômica

²⁷ As três fases delineadas por Harvey (2005) são: 1870-1945, caracterizada pela ascensão dos imperialismos burgueses; 1945-1970, marcada pelo histórico de pós-guerra da hegemonia norte-americana; 1970-2000, permeada pela hegemonia neoliberal.

²⁸ Responsável também por um artigo na coletânea mencionada de crítica aberta aos formuladores do *Império*, ainda que a salvasse com todo respeito pela trajetória pessoal e política deles, principalmente de Toni Negri. Para mais ver Callinicos (2003).

OSÓRIO, o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de

(concorrência dos capitais) e a geopolítica (rivalidades interestatais por segurança, território e influência), que se articulam na trajetória do desenvolvimento capitalista.

Partindo da noção de que o capitalismo global ainda não saiu da crise que o assolou na década de 1970, ou seja, que o arranjo desse momento ainda é vigente, aponta a tríade que ocupa o centro competitivo (Europa Ocidental, América do Norte e Leste Asiático), reforçando as reais assimetrias de poder entre eles e a incessante disputa que os cerca (especialmente os desafios postos ao poderio hegemônico por Rússia e China). A geopolítica que complementa seu pensamento é analisada pela ótica do sistema de Estados, o qual seria historicamente anterior à formação e consolidação do modo de produção capitalista²⁹.

Quando as rivalidades interestatais se integram ao processo de acumulação é que se constitui o âmago do sistema internacional. Munido dessa perspectiva, o autor britânico divide o desenvolvimento do imperialismo capitalista em três períodos: a) imperialismo clássico, de 1870-1945, economia mundial liberal, mundo multipolar política e economicamente, expansão territorial, competição militar e capitalismo de Estado (organizado), raça e império; b) imperialismo do superpoder, de 1945-1991, bipolar, imperialismo das portas abertas, dissociação parcial entre competição econômica e geopolítica, negligência maléfica e industrialização parcial do Terceiro Mundo; 3) imperialismo pós-Guerra Fria, primazia dos EUA e distribuição do poder econômico, especificidade do imperialismo estadunidense, desenvolvimento desigual extenso, persistente crise de lucros, redistribuição do poder econômico global, continuação da competição geopolítica.

As atuais crises encaradas pelos Estados Unidos resultam da renovação das rivalidades interestatais, decorrentes da redistribuição do poder econômico globalmente. Seu diagnóstico consiste em uma visão dual que tenta integrar coerentemente dois aspectos separados do mundo: as hierarquias, conflitos e alianças (políticas, militares e econômicas

²⁹ Callinicos (2009) constrói sua organização do pensamento com fulcro no relevo dado ao Estado e à política internacional, traçando três correntes contemporâneas. A primeira com Hardt, Negri e Robinson que defendem o capitalismo transnacional, no qual o Estado-nação e os conflitos interestatais são obsoletos. A segunda vertente seria composta por Panitch e Gindin e Wood, que ressaltam a centralidade do Estado-nação, mas, em face da condição hegemônica estadunidense, os conflitos estariam arrefecidos. A terceira toca teóricos entusiastas do novo imperialismo, como o próprio Callinicos, Harvey e Gowan, por exemplo, os quais advogam pelo Estado-nação como nuclear na acumulação capitalista e fomentador e vetor da competição interestatal.

OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de*

entre países); e o funcionamento do sistema produtivo e a hierarquização de classes por ele gerada. A primeira é a dominância e exploração de alguns países por outros; a segunda é sobre a estabilidade do sistema produtivo e a dominação e exploração de algumas classes por outras (CALLINICOS, 2009). O que Harvey denota como lógicas territorial e capitalista, Callinicos renomeia de geopolítica e econômica.

Considerações finais

Passados mais de vinte anos da publicação, os ecos do *Império* ainda se ouvem, agora, de maneira bem menos intensa e devidamente apagada. A própria realidade internacional e o ressurgimento da crítica marxista em torno do imperialismo colocaram-no de volta na insignificância de seu lugar. Por toda movimentação que gerou, a obra, pela ironia da história, acabou se tornando emblemática de um tempo de negação das bases do mundo em que vivemos.

Nesse sentido, cabe demonstrar as principais premissas do livro (como o fim do Estado-nação, das rivalidades interestatais e conseqüentemente do imperialismo) e seu rechaço pelos autores mais contemporâneos, de tal sorte que fique em plena evidência o retorno da centralidade do conceito e dos debates acerca do imperialismo. Ele é o eixo cardeal para a compreensão das relações internacionais, pois expressa a forma política em que o internacional se estrutura dentro do modo de produção capitalista, por isso, ele é incontornável e indisfarçável.

Sem o intuito de aprofundar as reflexões sobre o conceito ou as divergências e convergências entre os autores citados, o objetivo deste artigo é cumprido a partir do panorama dos impactos do escrito de Hardt e Negri, em um contexto muito específico, o do capitalismo pós-fordista, tendo sido criticado em seus mais variados aspectos por vários autores e tendo sido desmentido pela própria realidade, ressuscitando e conferindo a devida importância ao imperialismo para o pensamento político e social como um todo, na contramão do livro em debate.

Referências

- BONEFELD, Werner e HOLLOWAY, John. "Introduction: Post-Fordism and social form". IN: BONEFELD, Werner e HOLLOWAY, John. **Post-Fordism & social form**. A Marxist debate on the Post-Fordist State. London: Macmillan Academic and Professional LTD, 1991, p. 1-7.
- BORÓN, Atílio. **Império & Imperialismo**: uma leitura crítica de Michael Hardt e Antonio Negri. Buenos Aires: Clacso, 2002.
- CALLINICOS, Alex. "Toni Negri in Perspective". IN: BALAKRISHNAN, Gopal (ed.). **Debating Empire**. London: Verso, 2003, pp. 121-143.
- CALLINICOS, Alex. **Imperialism and Global Political Economy**. Cambridge; Malden: Polity, 2009.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.
- HIRSCH, Joachim. **Teoria Materialista do Estado**: processos de transformação do sistema capitalista de Estados. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2010.
- KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2008.
- MASCARO, Alysso Leandro. **Estado e Forma Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013
- MÍGUEZ, Pablo. "El debate contemporáneo sobre el Estado en la teoría marxista: su relación con el desarrollo y la crisis del capitalismo". **Estudios Sociológicos de el Colegio de México** Vol. XXVIII. Nº 84, septiembre-diciembre 2010, p. 643-689.
- OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. **Imperialismo, Estado e Relações Internacionais**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- PANITCH, Leo. "Repensando o Marxismo e o Imperialismo para o século XXI". **Revista Tensões Mundiais**, vol. 10, nº18. Fortaleza, 2014, pp. 91-101.
- PANITCH, Leo e GINDIN, Sam. "Gems and Baubles in Empire". IN: BALAKRISHNAN, Gopal (ed.). **Debating Empire**. London: Verso, 2003, pp. 52-60.
- PANITCH, Leo e GINDIN, Sam. "Capitalismo global e império norte-americano". IN: PANITCH, Leo e LEYS, Colin (ed). **O novo desafio imperial**. Buenos Aires: CLACSO, 2004, p. 11-53.
- PANITCH, Leo e GINDIN, Sam. "As Finanças e o Império estadunidense". IN: PANITCH, Leo e LEYS, Colin (ed). **O Império Reloaded**. Buenos Aires: CLACSO, 2006, p. 65-104.
- RUSH, Alan. "A Teoria Pós-Moderna do Império (Hardt e Negri) e seus críticos". IN: BORON, Atílio (org.). **Filosofia Política Contemporânea**: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania. Buenos Aires: CLACSO, 2006, pp. 307-327.
- SERRANO, Franklin. "Do Ouro Imóvel ao Dólar Flexível". **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2 (19), jul./dez. 2002, p. 237-253.
- SCOTELARO, Marina, RAMOS, Leonardo e TEIXEIRA, Rodrigo. "Acumulação por despossessão, novo imperialismo e neoliberalismo: notas sobre David Harvey e o Internacional". **Crítica Marxista** nº 46. Campinas-SP, 2018, pp 163-171.
- SMITH, John. "David Harvey nega o imperialismo (uma réplica)". Escrito em 27 de setembro de 2021. Traduzido e republicado em **Lavrapalavra**. Disponível em: <https://lavrapalavra.com/2021/09/27/david-harvey-nega-o->
- OSÓRIO, *o retorno dos debates do imperialismo no contexto atual: a falência do império mais de*

